

ALVA.

JORNAL

LITTERARIO.

*A Litteratura é a expressão
da Sociedade.*

Bonald.

TOMO I. — NUMERO 1.

JANEIRO DE 1850.

PARAHYBA.

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ RODRIGUES DA COSTA.

Rua Direita N. 8.

1850.

ALVA.

JORNAL LITTERARIO.

*A Litteratura é a expressão
da Sociedade.*



Ronald.

VOL. I.

JANEIRO DE 1850.

N. 1.

INTRODUÇÃO.



As vantagens, que produz o jornalismo litterario, são ja hoje tam manifestas, que dispensam longas provas. Reconhecido geralmente como o meio mais proficuo, que podia a imprensa offerer em beneficio da instrucção e moralidade do povo, poisque é elle o mais facil de pôr ao alcance de todos uma variedade de conhecimentos que aliás á poucos chegaria—o jornalismo litterario, representante do character, das idéas, do estado d'um paiz, e indicadór dos passos dados na carreira do Progresso, tem-se tornado um elemento indispensavel da civilisação.

Fôra portanto um absurdo intoleravel negar a necessidade urgente que d'elle se faz sentir em uma terra como ésta, onde pouco se cultivam as lettras, onde a industria é nenhuma, o commercio padece tristemente na falta de medidas accertadas e convenientes ao seu incremento, e a agricultura não tem modificado para seu aperfeiçoamento aquella rude trilha que a necessidade fê-la seguir.

Duas vezes porém temos testemunhado aqui a nobre tentativa d'uma publicação periodica respectiva tam somente á sciencia e a litteratura; e duas vezes temos tido o dissabór de vê-la desfalecer ante os graves obstaculos deparados em o seu andamento. (*)

Si imprezas d'este genero não exigissem mais que os precisos cabedaes da intelligencia, persuadimo-nos de que ha muito não contariamos similhante falta. Mas é que não basta só isso.

Tristes são certamente algumas circumstancias, cujo peso é necessario confortar, senão longo e aturado esforço impregar em combater. O que porém nos dóe fundo, e tem sido a causa principal de muitos de nossos atrazos, ja não são ellas—inda mal: é esse fatal indeferentismo tam gélido, e tam arraigado, o

(*) Fallamos do *Tapuya*, e do *Investigador*.

qual infelizmente s'extende a muitos respeitos, e parece em fim, como se fosse fado d'êsta infeliz provincia, pesar em tudo que podia tender á sua prosperidade.

E' este um dos mais fortes inimigos que ella tem, e que todavia nos não parece mui difficil de vencer-se.

Cumpre guerria-lo. Convem, intendemos nós, qualquer esforço produzido com similhante proposito.

Não hesitámos pois — comquanto poucos e fracos, mas levados do amôr do estudo, e instigados pelo desejo de ver melhorada um dia a sorte de nossa terra, e desobstruido o caminho que deve de leva-la ao templo da civilisação — não hesitamos em imprehender a presente publicação, com a esperanza d'estimular outras pennas mais habilmente aparadas, e que com mais destreza e proveito possam ser manejadas — áfim d'hir despertando o gosto da leitura, adormecido sob a influencia d'hábitos máus, que a occiosidade alimenta.

Attento o que levamos ditto, não s'espere portanto uma obra de grande vulto. São intelligencias que começam á desinvolver-se agora: apresentam apenas um humilde insaio litterario. Outra cousa não indica o titulo do presente jornal.

BOSQUEJO HISTORICO.

O territorio da Parahiba pertenceo á Capitania de Itamaracá, doada a Pero Lopes de Souza; era occupado por uma das tribus mais ferôzes da casta Tupica — os *Pitaguarés* — que com os seus frequentes ataques não deixavão em socego os habitantes de Itamaracá.

Nesta conjunctura o Capitão-mór que então governava aquella ilha em nome do successor de Pero Lopes, de commum accordo com Jeronimo de Albuquerque, governador de Pernambuco, organisou uma expedição ao mando de *João Tavares* e a fez marchar em 1579.

Este, batendo os *Pitaguarés* e alliando-se com outros Indios, lançou os primeiros fundamentos desta bella Provincia, a respeito da qual Durão no seu *Caramurú* Canto VI, Estancia 74 assim se exprime:

Da fertil Parahiba não occorre
Que informe a gente vossa, sendo empresa
Do commercio Francez que ali concorre
A lenhos carregar, que a Europa presa.

Ao tempo da fundação desta Provincia, reinava em Portugal o Cardial D. Henrique, era Governador geral na Bahia Diogo Lourenço da Veiga, e occupava a Cadeira Episcopal D. Frei Antonio Barreiros 3º Bispo do Brasil.

Mais antiga do que todas as que lhe ficão ao norte, bem que hoje não offereça aquelle grao de prosperidade a que podia ter chegado, pela má collocação da sua capital; tem todavia proporções para vir a ser mui rica e oppulenta. Os Parahibanos são dotados de intelligencia, patriotismo e valor, e em nada cedem aos seus patricios do sul e do norte.

Desta verdade tem elles dado não equivocas provas em todas as épocas, e em sua confirmação relataremos alguns factos.

Com pouco mais de meio seculo de existencia, ja contava em seu seio filhos benemeritos, cujo patriotismo muito concorreo para o seu rapido progresso; sua capital denominada — *Felippa* — pelos Hespanhoes em honra do seu Rei, (e ao depois — *Frederica* — pelos Hollandezes em obsequio ao seu Principe;) era ja uma Cidade florescente, com bons edificios, Igrejas e Conventos, e em cujos arredores se notavão cerca de vinte engenhos de fabricar assucar.

Os fortes de Cabedello e de Santo Antonio, aquelle na margem meridional e este, que hoje não existe, sobre a outra margem, defendião a entrada do porto, guarnecidos por 900 homens.

Era este o estado da Parahiba, quando em Dezembro de 1634, governada pelo Capitão-mor Antonio de Albuquerque Maranhão, appareceo á vista de Cabedello o General Hollandez Sigismundo, com 32 navios e 1.500 homens de desembarque.

Sendo impossivel a defesa de todos os pontos accessiveis, desembarcárão os Hollandezes, apenas com a perda de quatro lanchas, que se virárão; e na primeira escaramuça, forão os Parahibanos obrigados a retirar-se para o forte com alguma perda. Bom seria se só contassemos o traidor *Calabar*, que tanto coadjuvou e servio aos inimigos de sua patria; a Parahiba tambem teve no principio desta luta o infame Portuguez *Bento do Rego Bezerra*, que preferindo a conservação dos seus bens, á dignidade e honra de sua pessoa, dedicou-se como aquelle aos interesses dos inimigos da sua nação, concorrendo o mais que pôde, para fazer entrar ésta Provincia no dominio Hollandez.

Deste modo, contavão os Parahibanos dois inimigos terri-
veis; dois homens sem os quaes talvez que os Hollandezes não tivessem conseguido tantas vantagens, ao menos tão breve como as obtiverão.

Sigismundo por conselho do traidor *Bezerra* poz em cerco o forte de Cabedello, mas ficando suas tropas expostas ao

fogo da bateria de San Bento, tenta apossar-se della. Cumpre notar que ésta bateria ficava naquella ilha a tiro de espingarda entre os dois fortes, e era guarnecida por sete peças e defendida por 40 soldados.

Para o seu ataque, aproveitou-se Sigismundo da espessa nevoa que escurecia a manhã, e passando a barra em sete pequenos navios e seis barcaças, desembarcou sobre o escolho e rendeu a guarnição da bateria, dipois d'huma resistencia em que morrerão 26 soldados nossos, salvando-se o resto a nado.

Entretanto, senhor do posto que o incommodava, voltou a artilharia contra Cabedello, cujos estragos se tornarão então sensíveis. Logo no primeiro dia, perderão os nossos 11 soldados e contarão 20 feridos, entre os quaes se notava o Capitão João de Mattos Cardoso, Comandante do forte, a quem um tiro de fuzil havia quebrado o queixo, portando-se com tal valor que ainda assim se conservava no seu posto em combate, até que o Capitão-mor Antonio de Albuquerque Maranhão, o obrigou a retirar-se, deixando em seu lugar o Capitão Jeronimo Pereira.

Experimentavão os nossos falta de viveres e de munições, por ser assaz difficil introduzi-los no Cabedello; todavia quatro lanchas cobertas de couros molhados, ao favor das trevas e do fumo da artilharia inimiga, cujos tiros cruzavão a passagem, levárão alguns soccorros á fortaleza, desenvolvendo-se nesta arriscada empresa a maior coragem e patriotismo elogiado pelos mesmos inimigos.

Atravessava uma das lanchas sob o mando de *Antonio Peres Calhau* quando uma bala de artilharia, mata um dos seus camaradas, fere a dous e lhe leva o braço que regia o leme. Seu irmão *Francisco Peres Calhau* quer substitui-lo, mas elle recusa dizendo — *para me succeder neste posto ainda tenho este irmão mais chegado* — mostrando-lhe o braço esquerdo, para cuja mão passou o leme. Entretanto dando-lhe outra bala nos peitos e fazendo-o cair sem accôrdo, *Francisco Peres* corajosamente o succede, importando-lhe mais o dever do que a vida de seu irmão.

Era tal a chuva de balas arremessadas sobre as lanchas, que o mesmo *Francisco Peres* é logo ferido na mão direita, e fiel imitador de seu irmão muda o leme para a esquerda. Foi com ésta intrepidez e coragem que estes homens valentes superárão e vencerão os riscos desta passagem, e que finalmente chegarão a introduzir no forte os soccorros que levavão.

Curados os dois irmãos de suas feridas, escaparão felizmente, supprindo-lhes por paga da ingratição do Governo, a estima e admiração dos seus compatriotas.

Os Hollandezes apertavão vivamente o cerco e com as bate-

rias que levantarão, batião o forte noite e dia. Já haviam saltado alguns baluartes com graves perdas e ruínas; já muitas peças desmontadas, mortos ou feridos muitos artilheiros, e as muralhas quasi derribadas; quando foi ferido de um golpe mortal o Capitão Jeronimo Pereira e substituido por Gregorio Guedes Souto Maior de igual patente.

Deste modo, só mui promptos soccorros salvarião a fortaleza; mas foi tal a infelicidade dos Parahibanos, que o reforço de 300 Hespanhoes e Napolitanos mandado do acampamento real de Pernambuco, tendo por chefe o *Conde Bagnuolo*, celebre na nossa historia só por sua incuria e covardia, de nada lhes aproveitou pela demora de sua marcha.

Os sitiados, bem que indignados pela inacção dos Generaes, recusarão todavia render-se ás primeiras intimações; mas *Sigismundo*, a quem o cerco havia custado bem caro pela perda que soffreo em seu exercito, offereceo-lhes proposições toleraveis, e conseguiu que a fortaleza tão corajosamente disputada, lhe fosse finalmente entregue.

Ficarão por tanto os Hollandezes de posse dos fortes de Cabedello e de Santo Antonio, e por conseguinte das chaves desta Capitania, restando-lhes a Cidade onde o resto das força e o soccorro de *Bagnuolo*, podião ter-se concentrado. Mas este General cuja experiencia e presença militar não servia se não de presagiar derrotas, julgando inutil toda e qualquer resistencia, aconselhou aos habitantes que abandonassem a Cidade. Elle mesmo dá as ordens, e sem attender ás representações que houverão, e nem esperar a volta do Capitão-mór Governador, que havia ido em soccorro do forte de Santo Antonio, poz fogo aos navios ricamente carregados no porto, e marchou em retirada!

Continua.

S. H. DE A.

DOR E PRAZER.

ROMANCE.

I

Longo tempo havia que a formosa Margarida de Souza tinha visto arrancar-se de seus braços Fernando—o seu querido esposo—que se fôra á longes terras aventurar á sorte dos combates;